

A catedral do mar

ILDEFONSO FALCONES

A catedral do mar

Tradução de Cristina Cavalcanti



Copyright © 2006, Ildefonso Falcones de Sierra
Traduzido da edição original do Penguin Random House Grupo
Editorial, Barcelona, 2006.

TÍTULO ORIGINAL
La catedral del mar

PREPARAÇÃO
Gabriel Demasi

REVISÃO
Milena Vargas

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F172c

Falcones, Ildefonso, 1958-

A catedral do mar / Ildefonso Falcones ; tradução Cristina Cavalcanti.
- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.

576 p. ; 23 cm.

Tradução de: La catedral del mar

ISBN 978-85-510-0429-6

1. Ficção espanhola. I. Cavalcanti, Cristina. II. Título.

18-51671

CDD: 863

CDU: 82-3(460)

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

A Carmen

PRIMEIRA PARTE

Servos da terra

1

*Ano de 1320
Masía* de Bernat Estanyol
Navarcles, Principado da Catalunha*

Quando ninguém parecia prestar atenção nele, Bernat levantou a vista para o nítido céu azul. O sol tênue de fim de setembro acariciava o rosto dos convidados. Investira tantas horas e esforço na preparação da festa que só um tempo inclemente poderia roubar seu brilho. Bernat sorriu para o céu outonal e, ao baixar o olhar, seu sorriso se acentuou por causa do alvoroço que reinava no pátio de pedra que se abria em frente à porta dos estábulos, no térreo da masía.

A trintena de convidados estava exultante: a vindima daquele ano tinha sido esplêndida. Todos, homens, mulheres e crianças, trabalharam de sol a sol, primeiro colhendo as uvas e depois pisando-as, sem se permitir uma jornada sequer de descanso.

Só depois de pôr o vinho para fermentar nas barricas e armazenar as cascas de uva para destilar aguardente durante os tediosos dias de inverno, os camponeses celebravam as festas de setembro. E Bernat Estanyol tinha escolhido contrair matrimônio naquela época. Bernat observou seus convidados. Tinham se levantado ao alvorecer para percorrer a pé a distância, em certos

* Casa de campo dos agricultores e criadores de gado, típica da região catalã. (N. da T.)

casos muito grande, que separava suas masías da dos Estanyol. Conversavam animadamente, talvez sobre a boda, sobre a colheita ou sobre ambas; alguns, como o grupo que incluía seus primos Estanyol e a família Puig, parentes de seu cunhado, caíram na gargalhada e olharam-no dissimuladamente. Bernat sentiu-se enrubescer e se esquivou da insinuação; não quis nem imaginar o motivo daqueles risos. Dispersos pelo pátio da masía, distinguiu os Fontaníe, os Vila, os Joaquinet e, claro, os parentes da noiva, os Esteve.

Bernat olhou de relance para o sogro, Pere Esteve, que não fazia outra coisa além de passear com a enorme barriga, sorrindo para uns e logo dirigindo-se a outros. Pere virou o rosto alegre em sua direção e Bernat foi obrigado a saudá-lo pela enésima vez. Ele procurou os cunhados com o olhar e os viu entre os demais convidados. Desde o primeiro momento tratavam-no com certa reserva, por mais que Bernat se esforçasse por conquistá-los.

Bernat olhou o céu outra vez. A colheita e o tempo tinham decidido acompanhá-lo em sua festa. Observou outra vez sua masía e as pessoas, e franziu os lábios levemente. Apesar da agitação reinante, de repente sentiu-se só. Fazia apenas um ano que seu pai havia falecido; Guiamona, sua irmã, instalada em Barcelona desde que se casara, não respondera aos recados que ele enviara, e ele gostaria muito de revê-la. Era a única parenta direta que lhe restava depois da morte do pai...

Uma morte que transformara a masía dos Estanyol no centro dos interesses de toda a região: casamenteiras e pais com filhas núbeis desfilaram por ali sem cessar. Antes ninguém os visitava, mas a morte de seu pai, cujos acessos de raiva lhe renderam o apelido de “o louco Estanyol”, trouxe de volta a esperança daqueles que desejavam casar suas filhas com o camponês mais rico da região.

— Você já passou da hora de casar — diziam-lhe. — Quantos anos você tem?

— Vinte e sete, acho — respondia.

— Nessa idade você já poderia ter netos — recriminavam-no. — O que vai fazer sozinho nesta masía? Precisa de uma mulher.

Bernat ouvia os conselhos com paciência, sabendo que vinham necessariamente acompanhados da menção a uma candidata cujas virtudes superavam a força de um touro e a beleza do mais incrível pôr do sol.

O tema não era novidade. O louco Estanyol, viúvo depois do nascimento de Guiamona, já havia tentado casá-lo, mas todos os pais com filhas na idade certa deixavam a masía lançando improperios: ninguém conseguia atender às

exigências do louco Estanyol quanto ao dote da futura nora. Por isso, o interesse por Bernat foi diminuindo. Com a idade, os desvarios de rebeldia do ancião viraram delírios. Bernat dedicou-se a cuidar das terras e do pai e, de repente, aos vinte e sete anos, viu-se só e assediado.

No entanto, a primeira visita que Bernat recebeu logo antes de enterrar o defunto foi a do aguazil do senhor de Navarcles, seu senhor feudal. “Você tinha mesmo razão, pai!”, pensou Bernat ao vê-lo chegar com vários soldados a cavalo.

— Quando eu morrer — repetira o velho diversas vezes nos poucos momentos de lucidez —, eles virão, e você deve lhes mostrar o testamento. — Com um gesto, ele indicava a pedra sob a qual, enrolado em couro, estava o documento que continha os últimos desejos do louco Estanyol.

— Por quê, pai? — perguntara Bernat ao ouvir aquela advertência pela primeira vez.

— Como bem sabe — respondera o velho —, possuímos estas terras em enfiteuse, mas sou viúvo e, sem um testamento, com a minha morte o senhor teria o direito de ficar com metade de todos os nossos móveis e animais. Este direito se chama *intestia*; existem muitos outros que beneficiam os senhores, e você deve conhecer todos. Eles virão, Bernat; virão para levar o que é nosso, e você só poderá se livrar deles se mostrar o testamento.

— E se eles o roubarem de mim? — perguntou Bernat. — Você sabe como eles são...

— Ainda que o fizessem, está registrado nos livros.

A ira do aguazil e do senhor correu pela região e tornou ainda mais atraente a situação do órfão, herdeiro de todos os bens do louco.

Bernat recordava muito bem a visita de seu agora sogro antes do começo da vindima. Cinco soldados, um colchão e uma camisa branca de linho; aquele era o dote oferecido pela filha Francesca.

— De que me serve uma camisa branca de linho? — perguntou Bernat enquanto revolvia a palha no térreo da masía.

— Olhe — respondeu Pere Esteve.

Apoiando-se no forcado, o olhar de Bernat seguiu o indicador de Pere Esteve até a entrada do estábulo. O forcado caiu na palha. À contraluz, surgiu Francesca, vestida com a camisa branca de linho... Todo o seu corpo se deixava ver através dela!

Um calafrio percorreu a espinha de Bernat. Pere Esteve sorriu.

Bernat aceitou a oferta ali mesmo, no palheiro, sem sequer se aproximar da moça, mas sem desviar os olhos dela.

Foi uma decisão precipitada, ele estava consciente disso, mas não podia dizer que havia se arrependido; ali estava Francesca, jovem, bela, forte. Sua respiração se acelerou. Hoje mesmo... O que será que a moça estaria pensando? Sentiria a mesma coisa que ele? Francesca não participava da alegre conversa das mulheres; permanecia em silêncio junto à mãe, sem rir, acompanhando as brincadeiras e gargalhadas das outras com sorrisos forçados. Seus olhares se cruzaram por um instante. Ela enrubesceu e baixou o olhar, mas Bernat reparou que seus seios denotavam nervosismo. A camisa branca de linho novamente se aliou às fantasias e desejos de Bernat.

— Parabéns! — disse alguém atrás dele, e o cumprimento foi acompanhado de tapas fortes nas costas. Seu sogro havia se aproximado. — Cuide bem dela — acrescentou o homem, seguindo o olhar de Bernat e apontando para a moça, que já não sabia onde se esconder. — Se bem que, se a vida que você vai lhe proporcionar for como esta festa... Este é o melhor banquete que já vi. Com certeza nem o senhor de Navarcles pode desfrutar manjares como estes!

Bernat quis receber bem os convidados e preparou quarenta e sete fogaças brancas de farinha de trigo, evitando assim a cevada, o centeio e o trigo duro comuns na alimentação dos camponeses. Farinha de trigo candial, branca como a camisa de sua esposa! Levara as fogaças ao castelo de seu senhor pensando que, como sempre, duas seriam suficientes para pagar a queima. Os olhos do forneiro se arregalaram diante do pão de trigo e logo se fecharam, formando fendas insondáveis. Daquela vez o pagamento subiu para sete fogaças, e Bernat deixou o castelo praguejando contra a lei que os impedia de possuir fornos para assar o pão em seus lares... e forjas, e selarias...

— Com certeza — respondeu, afastando aquela má lembrança da mente.

Os dois observaram o pátio da masía. Talvez lhe tivessem roubado parte do pão, pensou Bernat, mas não o vinho que agora seus convidados bebiam — o melhor, engarrafado por seu pai e que eles haviam deixado envelhecer por muitos anos —, nem a carne de porco salgada, nem a panela de verduras com algumas galinhas, nem, obviamente, os quatro cordeiros que, abertos de ponta a ponta e amarrados em paus, assavam lentamente sobre as brasas, soltando chispas e emanando um aroma irresistível.

De repente, as mulheres se puseram em movimento. A panela já estava pronta e as tigelas que os convidados tinham trazido começaram a ser servi-

das. Pere e Bernat sentaram-se na única mesa que havia no pátio e as mulheres vieram servi-los; ninguém se sentou nas quatro cadeiras restantes.

De pé, sentadas em tábuas ou no chão, as pessoas começaram a dar conta do ágape e, enquanto bebiam vinho, conversavam, gritavam e riam, mantinham os olhos fixos nos cordeiros, atentamente vigiados por algumas mulheres.

— Uma grande festa, sim, senhor — sentenciou Pere Esteve entre uma colherada e outra.

Alguém brindou pelos noivos e todos rapidamente se juntaram ao brinde.

— Francesca! — gritou Pere com o copo levantado em direção à noiva, que se encontrava entre as mulheres, junto aos cordeiros.

Bernat olhou a moça, que novamente escondeu o rosto.

— Está nervosa — justificou-a Pere, piscando um olho. — Francesca, minha filha! — gritou novamente. — Brinde conosco! Aproveite agora, porque daqui a pouco vamos embora... quase todos.

As gargalhadas deixaram Francesca ainda mais assustada. A moça ergueu ligeiramente o copo que colocaram em sua mão e, sem beber e dando as costas aos risos, voltou a dirigir a atenção aos cordeiros.

Pere Esteve bateu seu copo no de Bernat, fazendo respingar o vinho. Os convidados os imitaram.

— Você logo vai fazê-la perder a timidez — disse-lhe com uma voz potente, para que todos os presentes o ouvissem.

As gargalhadas estalaram novamente, agora acompanhadas de comentários dissimulados que Bernat preferiu ignorar.

Entre risadas e brincadeiras, todos deram conta do vinho, do porco e da panela de verduras e galinha. Quando as mulheres começavam a retirar os cordeiros da brasa, um grupo de convidados se calou e desviou o olhar em direção à linha do bosque das terras de Bernat, situado além dos extensos campos de cultivo, atrás de um suave declive do terreno onde os Estanyol plantavam parte das cepas que produziam aquele vinho excelente.

Em poucos segundos, o silêncio se instalou entre os presentes.

Três cavaleiros surgiram por entre as árvores. Vários homens a pé, uniformizados, os seguiam.

— O que fazem aqui? — perguntou Pere Esteve num sussurro.

Bernat acompanhou com o olhar os homens que se aproximavam rodeando os campos. Os convidados murmuravam entre si.

— Não entendo — disse Bernat finalmente, também sussurrando —, ele nunca mais passou por aqui. Não é caminho para o castelo.

— Não gosto nem um pouco dessa visita — acrescentou Pere Esteve, visivelmente preocupado.

A comitiva movia-se lentamente. À medida que as figuras se aproximavam, os risos e comentários dos cavaleiros substituíam o alvoroço que até aquele momento reinara no pátio; todos podiam ouvi-los. Bernat observou seus convidados; alguns tinham desviado o olhar e estavam cabisbaixos. Procurou Francesca entre as mulheres. O vozeirão do senhor de Navarcles chegou até eles. Bernat sentiu a ira invadi-lo.

— Bernat! Bernat! — exclamou Pere Esteve puxando-o pelo braço. — O que ainda faz aqui? Corra para recebê-lo.

Bernat levantou-se de um salto e foi receber o seu senhor.

— Seja bem-vindo à vossa casa — saudou-o, arfando, ao alcançá-lo.

Llorenç de Bellera, senhor de Navarcles, puxou as rédeas de seu cavalo e se deteve diante de Bernat.

— Você é Estanyol, o filho do louco? — indagou secamente.

— Sim, senhor.

— Estivemos caçando e, ao voltar para o castelo, fomos surpreendidos por esta festa. A que se deve?

Entre os cavalos, Bernat pôde vislumbrar os soldados, carregados com diversas peças: coelhos, lebres e galos selvagens. “É a sua visita que requer explicação”, gostaria de ter respondido. “Ou quem sabe o forneiro lhe contou sobre o pão de trigo candial?”

Até os cavalos, quietos e com grandes olhos redondos pousados sobre ele, pareciam esperar uma resposta.

— É o meu casamento, senhor.

— Com a filha de quem você casou?

— Com a filha de Pere Esteve, senhor.

Llorenç de Bellera permaneceu em silêncio, olhando Bernat por cima da cabeça de seu cavalo. Os animais patearam ruidosamente.

— E? — ladrou Llorenç de Bellera.

— Minha esposa e eu — continuou Bernat, tentando dissimular seu desgosto — nos sentiríamos muito honrados se Vossa Senhoria e seus acompanhantes quisessem juntar-vos a nós.

— Estamos com sede, Estanyol — disse o senhor de Bellera em resposta.

Os cavalos se puseram em movimento sem que os cavaleiros precisassem esporeá-los. Cabisbaixo, Bernat dirigiu-se à masía ao lado de seu senhor. No final do caminho, todos os convidados haviam se reunido para recebê-lo; as mulheres com o olhar cravado no chão, os homens sem os chapéus. Ouviu-se um murmúrio ininteligível quando Llorenç de Bellera se deteve diante deles.

—Vamos, vamos — ordenou enquanto desmontava. — Que a festa prossiga.

As pessoas obedeceram e deram meia-volta em silêncio. Vários soldados se aproximaram dos cavalos e se encarregaram deles. Bernat acompanhou os novos convidados até a mesa em que ele e Pere tinham se sentado. Suas tigelas e copos haviam desaparecido.

O senhor de Bellera e seus dois acompanhantes se acomodaram. Bernat se afastou um pouco quando eles começaram a conversar. As mulheres acudiram rápido com jarras de vinho, copos, fogaças, tigelas com galinha, pratos de porco salgado e o cordeiro recém-preparado. Bernat procurou Francesca com o olhar, mas não a viu. Não estava mais entre as mulheres. Seu olhar cruzou com o do sogro, que já estava junto aos demais convidados, e ele indicou as mulheres com o queixo. Com um gesto quase imperceptível, Pere Esteve moveu a cabeça e deu meia-volta.

— Continuem com a festa! — gritou Llorenç de Bellera com uma perna de cordeiro na mão. — Vamos, andem, adiante!

Em silêncio, os convidados começaram a se dirigir às brasas onde os cordeiros tinham sido assados. Só um grupo permaneceu quieto, a salvo dos olhares do senhor e seus amigos: Pere Esteve, seus filhos e alguns outros convidados. Bernat vislumbrou o branco da camisa de linho entre eles e se aproximou.

— Saia daqui, estúpido — ladrou o sogro.

Antes que pudesse abrir a boca, a mãe de Francesca pôs um prato de cordeiro em suas mãos e sussurrou:

— Sirva o senhor e não se aproxime de minha filha.

Os camponeses começaram a comer o cordeiro em silêncio, olhando de esquelha para a mesa. No pátio só se ouviam as gargalhadas e os gritos do senhor de Navarcles e de seus dois amigos. Os soldados descansavam afastados da festa.

— Antes ouvíamos os seus risos — gritou o senhor de Bellera —, tanto que vocês até espantaram a caça. Riam, malditos!

Ninguém riu.

— Bestas rústicas — disse aos acompanhantes, que receberam o comentário com gargalhadas.

Os três saciaram o apetite com o cordeiro e o pão candial. O porco salgado e as tigelas de galinha ficaram num canto da mesa. Bernat comeu de pé, um pouco afastado, olhando de esguelha para o grupo de mulheres que ocultava Francesca.

— Mais vinho! — exigiu o senhor de Bellera, levantando o copo. — Estanyol! — gritou de repente, procurando-o entre os convidados. — Da próxima vez que você pagar o censo de minhas terras, terá de trazer vinho como este, e não a beberagem com que o seu pai tem me enganado até agora. — Bernat estava de costas para ele. A mãe de Francesca se aproximava com a jarra. — Estanyol, onde você está?

O cavaleiro golpeou a mesa no momento em que a mulher trazia a jarra para encher o seu copo. Algumas gotas de vinho salpicaram a roupa de Llorenç de Bellera.

Bernat já tinha chegado perto dele. Os amigos do senhor riam da situação e Pere Esteve levou as mãos ao rosto.

— Velha estúpida! Como se atreve a derramar o vinho? — A mulher baixou a cabeça em sinal de submissão e, quando o senhor fez um gesto para esbofetear-la, afastou-se e caiu no chão. Llorenç de Bellera virou-se para os amigos e caiu na gargalhada ao ver a anciã se afastar engatinhando. Depois recuperou a seriedade e dirigiu-se a Bernat: — Ora, aqui está você, Estanyol. Olha o que fazem as velhas desajeitadas! Por acaso você pretende ofender o seu senhor? Você é tão ignorante que não sabe que os convidados devem ser servidos pela senhora da casa? Onde está a noiva? — perguntou, passeando os olhos pelo pátio. — Onde está a noiva? — gritou ao ver que todos permaneciam em silêncio.

Pere Esteve tomou Francesca pelo braço e levou-a à mesa para entregá-la a Bernat. A moça tremia.

— Meu senhor — disse Bernat —, eu vos apresento minha mulher, Francesca.

— Assim está melhor — comentou Llorenç, avaliando-a de alto a baixo sem nenhum recato —, muito melhor. A partir de agora você nos servirá o vinho.

O senhor de Navarcles sentou-se novamente e ergueu o copo, dirigindo-se à moça. Francesca procurou uma jarra e correu para servi-lo. Llorenç de Bellera agarrou a mão dela e segurou-a firmemente enquanto o vinho caía no copo. Depois a puxou pelo braço e obrigou-a a servir seus acompanhantes. Os peitos da moça roçaram o rosto de Llorenç de Bellera.

— Assim se serve o vinho! — gritou o senhor de Navarcles enquanto, ao seu lado, Bernat cerrava punhos e dentes.

Llorenç de Bellera e seus amigos continuavam bebendo e exigindo aos berros a presença de Francesca para repetir, vezes seguidas, a mesma cena.

Os soldados riam junto com o senhor e seus amigos cada vez que a moça era obrigada a se inclinar sobre a mesa para servir o vinho. Francesca tentava conter as lágrimas e Bernat sentiu o sangue correr pelas palmas das mãos, que ele feriu com as próprias unhas. Em silêncio, os convidados desviavam o olhar cada vez que a noiva entornava o vinho.

— Estanyol — gritou Llorenç de Bellera ao se levantar com Francesca agarrada pelo punho. — No uso do direito que me cabe como seu senhor, decidi ir para a cama com sua mulher em sua primeira noite.

Os acompanhantes do senhor de Bellera aplaudiram ruidosamente as palavras do amigo. Bernat deu um salto na direção da mesa, mas, antes de alcançá-la, os dois sequazes, que pareciam bêbados, puseram-se de pé e levaram a mão à espada. Bernat parou. Llorenç de Bellera olhou para ele, sorriu e depois gargalhou com estardalhaço. A moça cravou os olhos em Bernat, suplicando ajuda.

Bernat deu um passo adiante, mas a espada de um dos amigos do nobre tocou sua barriga. Impotente, deteve-se novamente. Francesca não deixou de fitá-lo enquanto era arrastada pela escada da masía. A moça começou a gritar quando o senhor daquelas terras a agarrou pela cintura e a carregou no ombro.

Os amigos do senhor de Navarcles voltaram a se sentar e continuaram bebendo e rindo, enquanto os soldados se colocavam ao pé da escada para impedir o acesso de Bernat.

Ao pé da escada, diante dos soldados, Bernat não ouviu as gargalhadas dos amigos do senhor de Bellera; tampouco os soluços das mulheres. Não aderiu ao silêncio de seus convidados nem sequer percebeu a chacota dos soldados, que faziam gestos com os olhos postos na casa: só ouvia os gritos de dor que vinham da janela do primeiro andar.

O azul do céu continuava resplandecente.

Depois de um tempo que para Bernat pareceu interminável, Llorenç de Bellera ressurgiu, suado, no alto da escada, amarrando a cota de caça.

— Estanyol — gritou com uma voz ensurdecidora ao passar ao lado de Bernat e dirigir-se à mesa —, agora é sua vez. D. Caterina — disse aos acompanhantes, referindo-se à sua jovem esposa — já está cansada dos meus vários filhos bastardos... Já não aguento seus choramingos. Cumpra seu dever como bom esposo cristão! — instou-o, dirigindo-se novamente a ele.

Bernat abaixou a cabeça e, sob o olhar atento de todos os presentes, subiu lentamente a escada lateral. Entrou no primeiro andar, um amplo espaço destinado à cozinha e ao refeitório com uma grande lareira em uma das paredes, na qual descansava uma impressionante estrutura de ferro forjado que formava a chaminé. Bernat ouviu o som dos próprios passos no assoalho enquanto se dirigia à escada de mão que levava ao segundo andar, destinado a quarto e celeiro. Assomou a cabeça pelo vão do tablado do piso superior e perscrutou seu interior sem se atrever a subir. Não se ouvia nenhum ruído.

Com o queixo rente ao chão e o corpo ainda apoiado na escada, viu a roupa de Francesca espalhada pelo lugar; sua camisa branca de linho, o orgulho da família, estava rasgada e reduzida a trapos. Ele finalmente subiu.

Encontrou Francesca encolhida em posição fetal, com o olhar perdido, completamente nua sobre o colchão novo manchado de sangue. Seu corpo suado, arranhado aqui e golpeado ali, permanecia absolutamente imóvel.

— Estanyol! — Bernat ouviu Llorenç de Bellera gritar lá embaixo. — O seu senhor está esperando.

Sacudido pelas ânsias, Bernat vomitou sobre os grãos armazenados até que suas tripas quase saíram pela garganta. Francesca continuava imóvel. Bernat deixou o lugar correndo. Quando chegou lá embaixo, pálido, sua cabeça era um turbilhão de sensações, cada qual mais repugnante. Cego, topou de frente com a imensidão de Llorenç de Bellera, parado ao pé da escada.

— Não parece que o novo marido tenha consumado o matrimônio — disse Llorenç de Bellera aos companheiros.

Bernat teve de levantar a cabeça para enfrentar o senhor de Navarcles.

— Não... não pude, meu senhor — balbuciou.

Llorenç de Bellera guardou silêncio por uns instantes.

— Pois, se você não conseguiu, tenho certeza de que algum de meus amigos... ou de meus soldados conseguirá. Já disse que não quero mais bastardos.

— Não tendes o direito...!

Os camponeses que os observavam sentiram um calafrio ao imaginar as consequências de tal insolência. O senhor de Navarcles agarrou Bernat pelo pescoço com uma só mão e apertou com força, fazendo Bernat arquejar em busca de ar.

— Como se atreve...? Por acaso pretende se aproveitar do legítimo direito de seu senhor de se deitar com a noiva e depois vir reclamar com um bastardo embaixo do braço? — Llorenç sacudiu Bernat antes de largá-lo no chão. —

É isso que você pretende? Eu, e só eu, determino os direitos de vassalagem, entendeu? Você esquece que posso castigá-lo quando e quanto quiser?

Llorenç de Bellera esbofeteou Bernat com força, derrubando-o.

— Meu açoite! — gritou, encolerizado.

O açoite! Bernat não passava de uma criança quando, ao lado dos pais, fora obrigado a presenciar o castigo público infligido pelo senhor de Bellera a um pobre desgraçado cujo crime ninguém soube qual era. A lembrança dos estalidos do couro nas costas daquele homem soou em seus ouvidos como naquele dia, e noite após noite durante boa parte de sua infância. Os presentes não tinham ousado se mover até então, tampouco o fizeram agora. Bernat começou a se arrastar e levantou a vista para seu senhor; estava de pé, como um imenso bloco de pedra, com a mão estendida esperando que algum servo pusesse nela o açoite. Lembrou-se das costas em carne viva daquele desgraçado: uma grande massa sanguinolenta da qual nem todo o ódio do senhor conseguia tirar mais um pedaço. Bernat arrastou-se de quatro até a escada, com os olhos aturdidos e tremendo, como fazia quando tinha pesadelos na infância. Ninguém se mexeu. Ninguém disse nada. E o sol continuava a brilhar.

— Sinto muito, Francesca — balbuciou ao chegar junto dela depois de subir a escada com dificuldade, seguido por um soldado.

Afrouxou as calças e se ajoelhou ao lado da esposa. A moça não se movera. Bernat observou seu pênis flácido e se perguntou como poderia cumprir as ordens do senhor. Com um só dedo, acariciou suavemente as costas nuas de Francesca.

Francesca não respondeu.

— Eu tenho... nós temos de fazê-lo — insistiu Bernat, tomando-a pela mão para virá-la para si.

— Não me toque! — gritou Francesca, abandonando seu ensimesmamento.

— Ele vai me esfolar! — disse Bernat com rispidez, descobrindo seu corpo nu.

— Deixe-me!

Pelejaram, até que Bernat conseguiu agarrá-la por ambas as mãos e erguê-la. Apesar de tudo, Francesca resistia.

— Virá outro! — sussurrou-lhe. — Vai ser outro quem a... forçará! — Os olhos da moça voltaram ao mundo e se abriram, acusadores. — Ele vai me esfolar, vai me esfolar... — desculpou-se.

Francesca não parou de lutar, mas Bernat se jogou sobre ela com violência. As lágrimas da moça não foram suficientes para esfriar o desejo que tinha nascido em Bernat pelo contato com o corpo da jovem, e ele a penetrou enquanto ela gritava para todo o universo.

Aqueles urros satisfizeram o soldado que tinha seguido Bernat e que, sem nenhum pudor, contemplava a cena com metade do corpo apoiado no assoalho.

Bernat ainda não tinha acabado de forçá-la quando Francesca deixou de resistir. Mas pouco a pouco seus gritos se converteram em soluços. O pranto da mulher acompanhou Bernat quando ele chegou ao ápice.

Llorenç de Bellera ouviu os gritos desesperados que vinham da janela do segundo andar e, quando seu espião confirmou que o matrimônio havia sido consumado, pediu os cavalos e deixou o lugar com sua comitiva sinistra. A maior parte dos convidados, abatidos, o imitou.

A quietude invadiu o lugar. Bernat, em cima da mulher, não sabia o que fazer. Só então percebeu que a mantinha agarrada à força pelos ombros; soltou-a e apoiou as mãos na enxerga de palha junto à sua cabeça, mas seu corpo caiu inerte sobre o dela. Instintivamente elevou o torso, esticando os braços para se apoiar, e encontrou os olhos de Francesca, que o fitavam sem vê-lo. Nessa postura, qualquer movimento o faria roçar novamente o corpo de sua mulher. Bernat desejava escapar dessas sensações, mas não sabia como fazê-lo sem continuar ferindo a moça. Desejou poder levitar para separar-se de Francesca sem tocá-la novamente.

Finalmente, depois de instantes eternos de indecisão, afastou-se e ajoelhou-se junto a ela; agora tampouco sabia o que fazer: levantar-se, cair ao seu lado, abandonar o cômodo ou tentar se justificar... Desviou o olhar do corpo de Francesca, jogado de costas, grosseiramente exposto. Olhou seu rosto, que estava a menos de dois palmos do seu, mas não conseguiu encontrá-lo. Baixou o olhar e, de repente, a visão de seu membro nu deixou-o envergonhado.

— Sinto mui...

Um movimento inesperado de Francesca o surpreendeu. A moça tinha virado o rosto em sua direção. Bernat tentou encontrar compreensão em seu olhar, mas ele estava completamente vazio.

— Sinto muito — insistiu. Francesca continuou a fitá-lo sem mostrar o menor indício de reação. — Sinto muito, sinto muito. Ele... ele teria me esfolado — balbuciou.

Bernat recordou o senhor de Navarcles, de pé, com a mão estendida, à espera do açoite. Procurou novamente o olhar de Francesca: vazio. Tentou encontrar uma resposta nos olhos da moça e teve medo: eles gritavam em silêncio, gritavam como ela gritara.

Inconscientemente, como se quisesse fazê-la entender que ele a compreendia, como se fosse uma menina, Bernat aproximou a mão da face de Francesca.

— Eu... — tentou dizer.

Não chegou a tocá-la. Quando aproximou a mão, todos os músculos de Francesca se retesaram. Bernat desviou-a na direção do próprio rosto e chorou.

Francesca continuou imóvel, com o olhar perdido.

Por fim, Bernat parou de chorar, levantou-se, vestiu as calças e desapareceu pelo vão que dava para o andar inferior. Então Francesca se levantou e foi até o baú, que constituía todo o mobiliário do quarto, para pegar sua roupa. Já vestida, recolheu com delicadeza seus pertences destruídos, entre eles a preciosa camisa de linho branco; dobrou-a cuidadosamente, tentando encaixar os farrapos, e guardou-a no baú.